

A ILUSTRAÇÃO DAS PAPOILAS



Agora só resta

tornares-te

o poema

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Guerra

Canhões disparavam,

As balas voavam.

Gritos ecoavam,

Soldados tombavam.

Vermelhas as folhas se tornaram

Os ramos partiram-se, destroçados

Ferozes eram os rostos

Dos soldados assustados.

Todos os Natais, as neves brilhavam

Mas a festa parou,

A Guerra chegou

E os sorrisos já não cintilavam.

Tenho saudades do teu sorriso

Que derreteu como a neve.

Não me esqueço do teu aviso:

“Isto não será breve!”

Os rostos pálidos como a lua

Nos campos adormeceram,

Caras como a tua

Para sempre se perderam.

Perdi-me na tua canção

Silenciosa como o vento.

Ruidoso era o meu pensamento;

Frágil era a minha mão

Enterrada no teu coração.

Por fim, o Sol brilhou

Mas a vitória foi derrotada

Ao ouvir o teu amor

Sei que fiquei abalada.

Para sempre

Catarina Freilão N.º4, 8ºF



Silêncio:

encontrámos na encosta

flores ainda sem nome

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Guerra

S A N G U E
C R I M E
A N I Q U I L A Ç Ã O
V I O L Ê N C I A
I N J U S T I Ç A
I N C E R T E Z A
D E S T R U I Ç Ã O
M O R T E

INÚTIL

Trabalho coletivo, turma E do 5.º Ano

A Guerra

D O R
S O F R I M E N T O
A R M A S
M O R T E
S A N G U E
P E R D A
T R I S T E Z A
M I S É R I A
C A O S

Trabalho coletivo, turma F do 5.º Ano



Estas folhas que estremeçam na tarde
não sabem que dançam
à roda do universo

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Medo

O medo, um sentimento
Que sinto todos os dias ao
Acordar e me aperceber
Que esta não é a casa
Ou aldeia onde cresci

Medo de saber que a
Qualquer momento tudo
Pode acabar para qualquer
Um.

Tudo o que se fez até
Hoje pode acabar num
Segundo e ter sido
Em vão.

Irrelevante.

Margarida Gomes, N.º 13, 8.º A

A Guerra

Não sei porque há guerra
Porque não há paz
É uma coisa tão fácil que se faz.

Já que há tantas mortes
Porque não há barotes
Em vez de haver guerra
Porque não há pessoas a cantar
E os países a amar!

A guerra é um inimigo
De todos os países
Em vez de ser um amigo.
Por causa da guerra
As pessoas começam a matar
E é só chorar.

Quando há guerra
Todos choram
Quando não há guerra
Todos cantam
Acabemos com as guerras!



João Tiago Morais Quintas, N.º 11, 6.º D



Tudo é efémero:

ontem escutava a tua voz

hoje só o vento

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*

A GUERRA

Na guerra vemos a tristeza e a destruição,
Vemos irmão contra irmão.
Vemos a fome, a pobreza e a riqueza,
vemos a saudade dos que partiram,
a alegria dos que ficaram.
Quem não queria ir à guerra sabia a dor,
quem queria ir, desconhecia a dor.
Na guerra não se sabe o amanhã,
pode ser um minuto, um dia, um mês...
Nunca se sabe o futuro, o que conta é o presente,
a amizade e o amor.
São palavras sempre presentes,
no coração de um lutador.
Pois na guerra não há família, paz ou amor,
na guerra só há saudade e tristeza,
no coração dos pobres lutadores.

Mauro Amador, N.º, 17, 5.º D

Tempos difíceis eram aqueles

Aqueles em que se matava

Aqueles em que se lutava

Aqueles em que se morria.

Era matar ou ser morto

Lutar pelo conforto

De voltar à sua vida normal

Durante aquele confronto infernal.

Soldados mortos

Soldados feridos

Soldados que ali ficavam,

Deixando as suas famílias.

Era uma guerra de horrores

Onde tudo era vermelho

Vermelho do sangue derramado

Pelos soldados que lutavam pela pátria.

Gonçalo Silva, N.º 14, 9.º C



Quando se extinguiu
o vermelho da papoila
o jardim ficou vazio

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

A Guerra

Lembro-me bem da Guerra,
Do derramado
E tudo o que com ela foi levado

Perdi tudo e todos,
Amigos, família, cavalos...
Vivi a guerra com outros
Vi os enfermeiros a levá-los

Levei vários tiros
De armas pesadas e metralhadoras
Ouvi gritos e suspiros
Mas foram todos corridos

Finalmente acabou
A desgraça tremenda
A guerra terminou
O passado já passou...

Gonçalo Duarte, 6.º C



Mesmo que faça frio
não aproximes do fogo
um coração de neve

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Meu amor
as minhas saudades não têm fim
se não saíres vencedor,
o que será de mim?

Sinto falta do teu abraço
já estou frágil,
se o meu coração fosse de aço,
tudo era mais fácil.

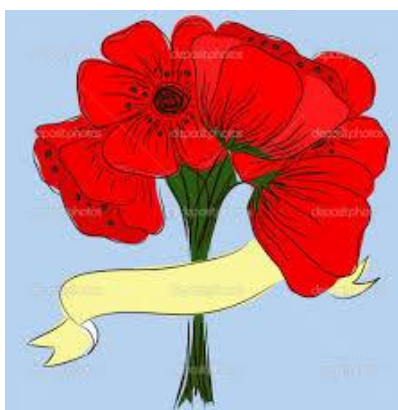
Hoje vou sonhar contigo
a chegares aqui,
espero que sonhes comigo
a abraçar-me a ti.

Quando a guerra acabar
estarei à tua espera,
para poder estar
contigo na primavera.

Daniela Almeida N.º8, 8.º E

Primeira Guerra Mundial

Ao longo desta guerra,
Perdi muitas pessoas,
Pessoas muito especiais
Especiais como tesouros
Tesouros que perdi
Perdi o meu amor
Amor da minha vida
Vida que perdi
Perdi a pensar que um dia que ele voltaria
Voltaria para mim...



Beatriz Pereira, N.º4, 6.º F

A saudade

O meu amigo foi para a guerra
Cumprir o seu dever
E eu fiquei na nossa terra
Tenho tanto medo de o perder!...

Lembro-me das nossas histórias
Andávamos sempre a inventar
São tão boas essas memórias
Que até me fazem sonhar!...

Tenho tanta saudade
Das nossas brincadeiras
Era tão grande a nossa amizade
Ríamos a despregadas bandeiras!!!

Olhavam-nos com admiração
Até as velhas casmurras
Tinham-nos no coração
Mesmo quando andávamos às turras!

Ah!... Como era bom ser criança
Não ter nada para fazer
Ter apenas a esperança
De num mundo melhor crescer!



Eu, por cá...

Olá querida família,
as coisas, aqui em França,
não estão muito bem.
Já morreram muitos homens...
Mas não quero que se preocupem comigo!

Por enquanto estamos a ganhar
e, se continuar assim,
em breve voltarei para casa.
Espero que tudo esteja bem convosco e
que não vos falte nada.
Até breve,
Beijos,

José.

Bruna Rodrigues, N.º29, 5.º C

Saudades...

Meu querido marido,
Sei que aí em França as coisas
estão muito complicadas.
Quero que saibas
Que eu e os teus filhos
Estamos aqui para te apoiar.

Se leres esta carta
é sinal que estás bem.
Que Deus te abençoe!

Rezo para que voltes
pois é aqui que tu pertences
e nós precisamos muito de ti.

Beijos da família que te ama!

Margarida Gomes, N.º 16, 5.º C

Querida Maria...

Sinto tantas saudades vossas!

Diz à mãe que a adoro e ao pai que já disparei com uma espingarda tantas vezes que lhe perdi a conta, portanto já devo ter batido o recorde dele.

Fico espantado como aos dezasseis anos a vida me parecia tão fácil e, agora, aos vinte e um é tão difícil. Com a fome que tenho, era capaz de comer todo um banquete, preparado pela nossa mãe, claro!

Estou nas trincheiras, perdi o meu relógio de bolso por isso levanto-me (quando durmo) de duas em duas horas (acho eu).

No outro dia vi o único amigo que aqui fiz ser morto para me salvar. Fujo das balas, das bombas e agora até fujo das ratazanas, que invadem as trincheiras e tentam morder-nos. Neste momento acho que não há nada de que não fuja, sobretudo da presença constante da morte... sim, da morte que me ronda de cada vez que pego na espingarda, ou de cada vez que vejo alguém morrer.

Por agora o vento sopra forte e os primeiros pingos de chuva caem. Tenho de parar e ir ajudar a pôr as lonas para que se evitem muitas mais mortes. No dia seguinte, é só tapar com terra os cadáveres.

Às vezes ainda me pergunto o que ando aqui a fazer, porque é que vou contra o instinto de não matar e... simplesmente mato para não ser morto, ou então para fugir da morte. Às vezes choro, baixo para que os meus camaradas não me ouçam...

O cheiro é horrível; por vezes vomito.

Ao meu lado está um rapaz de 18 anos aterrorizado pela morte...

Os gritos, os tiros, o bater tão rápido do coração que por vezes parecia que a chapa estava a tremer. Levo a mão ao peito e beijo a cruz (que a mãe me deu quando parti) antes de disparar contra alguém.

Tenho medo de morrer e de não vos poder dizer adeus.

O céu está negro, o chão castanho da terra e vermelho do sangue. Esperança? Não tenho, mas tenho vontade de viver, acho que por isso ainda não morri.

Bem, adeus maninha e cuida bem dos pais e de ti! Com muitas saudades,

O mano mais velho

Sara Oliveira, 8.º C



Perguntas quanto tempo deves rezar?

a papoila na encosta

é vermelha sempre

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

O início da guerra estava a começar,
As pessoas já estavam prontas para lutar.
Abriram os portões e lá começou:
Pessoas a morrer e o sangue a escorrer.

As crianças rezavam aos céus
Para que, um dia, viesse Deus.
Mulheres, crianças a morrer
Os animais já a sofrer.

Já se ouviam as lanças a espetar,
Os homens a gritar
E a esperança a morrer.
O que havia de se fazer?

Muitos gritaram “Liberdade!”,
Outros suspiraram,
Os maus gozavam
E as crianças choravam.

Tanta gente que morreu
Tanto ódio que havia
Muita gente sofreu
E Deus rezava lá nos céus.

Andreia Pereira, N.º2, 7.º F



Sem abandono

seríamos chama fora do fogo

água fora do mar

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Começou a guerra.

Deixei a minha família,

Deixei a minha terra.

Um grande misto de sentimentos invade-me

Ao marchar, marchar...

A saudade, o medo e a dor ignoro,

E pela Pátria continuo a lutar.

Tenho medo de acordar de manhã,

Pois mais pessoas não quero matar.

Tenho medo de dormir à noite:

Com o abandono e a morte não quero sonhar.

Saudades da família... abraçar...

Voltar a ver o meu lar.

Maldita guerra!

Quando irá acabar?

Esta guerra...

Tantos problemas provocou,

Mas sou apenas mais um soldado

Que tudo para trás deixou...

Andreia Dogot, N.º7, 7.ºD



Uma iniciação ao silêncio

nunca foi escrita

nem poderia ser

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

O Sofrimento

A guerra começou
E o meu irmão foi para lá.
Para mim a minha papoila
É a vida de meu irmão.

Já passaram meses
Mas a papoila continua intacta
Passo horas e horas
A olhar para ela.

O sofrimento é enorme
Porque me ponho a pensar
Como vai continuar
Ou como vai terminar.

No final da guerra
Tive esperança que voltasse
Mas nunca mais voltou
E a papoila murchou.

Filipe Oliveira 5ºD Nº7

GUERRA

O soldado tem vida dura
Como uma doença sem cura,
O soldado tem medo de morrer
E a família tem medo de o perder.

O soldado acorda com medo
De que a sua vida acabe
De repente.

A destruição do amor
É como uma vida sem cor
Que é como a vida de um soldado

Ao amanhecer
E a família sem saber
O que está a acontecer



Laura, 5.ºD, N.º11

Hoje será a minha partida...

O início da guerra

Um momento triste da minha vida

Resta a esperança de ter mais um dia na terra

,

No meio de todo este medo

Eu consigo encontrar a paz

Não vou manter segredo

A família que me trás

Acordar ao som das armas a disparar

A atenção que despertava ao amanhecer

Desejava o mar a acordar

Sem noção do que podia perder.

João Sousa, N.º 13, 9.º D

Solitário estou

A minha família abandonei

Para desespero meu.

A minha casa era vermelha

Como a papoila florescida,

Mas eu não pude ver

A minha filha recém nascida.

Bombas a cair,

Armas a disparar.

Por amor a Deus,

Façam-nas parar!

Na minha solidão

Passo os dias a rezar,

A pedir a Deus

Para a guerra terminar.

Ouço o silêncio dos inocentes,

Dos meus colegas capturados.

Vejo os inimigos a chegar.

Tudo acabou!

Fui baleado.



Debruçado na tarde
escuto o silvo sombrio
da solidão

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Soldado da Esperança

A paz é amor, não é guerra
A guerra destrói a terra.
As pessoas a chorar,
a ver a guerra a matar.
E o soldado sem saber
o porquê de tanta guerra,
luta sempre sem parar
para tentar ajudar
cada homem, mulher e criança
que no meio de tanta morte
tentam a sua sorte,
numa vida já sem esperança.

Maria Carolina Coelho, N.º 12, 5.º B

Guerra

A guerra magoou-me,
e me fez perder,
família, amigos,
sem ninguém se erguer!

A dor, o ódio,
tristeza sem parar!
A guerra ...
... nela não vou mergulhar!

Porque tem de ser assim?
Porquê tantos mortos em vão?
Tenho de fazer algo,
não posso ir ao chão!

Não posso rejeitar,
o que têm para me dar,
talvez possa ajudar,
a morte a parar!

Na guerra não vou crer,
Nem concordar!
Alguma coisa vou fazer,
Até isto tudo acabar.

Alice Nobre, 6.º A



Todo o inverno

o solitário bambu

mediu forças com o vento

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*.

Sinto muitas emoções,
Medo, desespero, saudade...
Saudade da minha família,
Dos amigos, das vozes que ouvi,
Dos sorrisos que vi, de tudo o que vivi.
Ao anoitecer penso...
Penso em tudo...
Penso que no próximo dia posso não estar bem.
Ao amanhecer guardo coragem,
Coragem para enfrentar a guerra para...
Poder voltar a abraçar e ver a felicidade dos meus filhos.
Com tudo isto, cai lágrima a lágrima,
Cai por cada partida,
Por cada carta,
Por cada sentimento.
Não sou apenas eu quem sofre,
Mas também todas as outras pessoas que passam por isto.
E a natureza?
Aquela que sempre nos acompanha,
É a destruída.
Para mim a guerra é
Um conflito entre a paz e a morte.

Mafalda Quental, N° 13, 8.º B

Paz durante um dia

O Natal é o dia mais feliz da guerra,
Saímos todos das trincheiras,
E fazemos inúmeras brincadeiras.

Fiz muitas amizades nesse dia,
Mas infelizmente acho que um deles matou o meu melhor amigo,
Sem receber nenhum castigo.

Levantamos as armas,
Disparamos para o ar,
E a guerra esquecemos.

No fim do dia,
Aconteceu o que eu mais temia.
A guerra voltou,
E com ela a violência retomou.



A Guerra

A guerra é quando vários países lutam, entre si, pelos seus interesses. Também existem guerras dentro do próprio país, chamadas guerras civis.

As guerras têm vindo a evoluir de uma forma avassaladora! Bem, uma das mais conhecidas foi a de um grande ditador francês... Será que é preciso dizer mais? Foi o Napoleão Bonaparte, claro, aquele que queria conquistar toda a Europa! Mas ainda houve guerras piores, como a Primeira Guerra Mundial, entre outras, mas a que para mim foi a mais assustadora e chocante foi a Segunda Guerra Mundial.

Uma guerra que teve muita evolução em armamento militar, provocou mais de 50 milhões de mortos e tudo isto foi provocado por uma única pessoa chamada Adolf Hitler. Hitler foi um soldado na Primeira Guerra Mundial, logo, teria bom conhecimento sobre guerras. Sempre se achou melhor que os outros e queria mandar em tudo e todos. Por isso, fez duas coisas: a primeira foi mudar a sua nacionalidade, passou a ser alemão, e a segunda foi criar o Regime Nazi. Na sua primeira revolta, foi preso, mas quando foi libertado voltou a juntar os membros do Regime Nazi. Quando o presidente morreu, tornou-se ele o presidente e logo a seguir chanceler e ainda ditador. Houve um grande acontecimento chamado holocausto. Hitler só queria pessoas loiras e de olhos azuis e, os que não fossem, seriam mortos e se fossem judeus pior ainda. Mas ainda bem que os "Aliados" derrotaram o Regime Nazi. E sabem o que aconteceu ao Hitler? Ele suicidou-se no final da guerra, quando calculou que a ia perder. Por isso, quem nasceu no séc. XXI, tem sorte de ter nascido em tempos de paz e estimem todos estes momentos, porque de paz é que se faz a vida e a guerra só traz sofrimento.

Miguel Oliveira N.º19-5.ºD

Estou de partida

A escola é colorida
E muito divertida.
Foi a minha primeira escola
Aprendi muito com ela
É grande e engraçada
E também muito animada.

Eu gosto das professoras
São bem divertidas
E muito queridas
São as nossas melhores amigas.

As professoras são exigentes
E muito carinhosas
As professoras são inteligentes
E muito bondosas.

As auxiliares são simpáticas
Animam os meninos
Elas são fantásticas
E gostam dos pequeninos.

Tenho amigos brincalhões
Que fazem muitas diversões
Eles são maravilhosos
E bastantes carinhosos.

Nestes últimos anos
Tantas brincadeiras fiz.
Com os meus amigos brinquei
E aprendi a ser feliz.

De todos os meus colegas
Sempre me recordarei
Pela minha longa vida
Nunca os esquecerei.

A minha escola
Vai ficar no meu coração
E estes quatro anos
Foram uma grande emoção.

Poema coletivo
4.º Ano, Turma D



Um dia

arderás o caminho

para que ninguém siga os teus passos

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e o Monge*